

APRENDENDO NA APCA: O ALIMENTO NOSSO DE CADA DIA

ROMERO MARINHO DE MOURA

Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

Aos meus ex-alunos e pequenos agricultores nordestinos, com os quais convivi ao longo das últimas décadas, dedico.

Os alunos foram minha fortuna; hoje estou pobre, pois não os tenho mais. Por isso, dirijo-me, por meio desta crônica, aos agronomandos, que ainda nos bancos escolares, precisam antever a realidade da pequena agricultura nordestina, que é sofrida. Meus ex-alunos sabem, pois foram companheiros de trabalhos de campo, meu grande laboratório, por três décadas, contando sempre com ajuda de pequenos agricultores e trabalhadores rurais, que foram fundamentais para o desenvolvimento das minhas pesquisas. Sem eles não teria publicado parte dos meus trabalhos. Quando me refiro ao pequeno agricultor, reporto-me àquele cidadão que trabalha de sol a sol, tendo a enxada como ferramenta de trabalho e uma garrafa d'água, farinha seca e pão como o suprimento alimentar para seu dia de trabalho. Como companheiros, os alunos foram cooperativos, dedicados, estimulantes, e, ao modo dos mestres de sala-de-aula, os pequenos agricultores, com sabedoria e vivência, foram mestres de campo. Para os agronomandos, lembro que para as tarefas de campo o profissional deve dominar a tecnologia para produzir boas plantas, exercer espiritualismo para cultivar pessoas e amizades e defender utopias para alimentar sonhos. Para os agricultores digo-lhes que a vida nunca foi fácil no campo nem na cidade, pois o sofrimento está em todos os cantos, conforme pode ser visto no pensamento abaixo de uma mente brilhante:

“Para mim a vida de um homem de negócios que toma café cedo na manhã, pega um trem para a cidade e permanece lá na sombria e poeirenta atmosfera do mundo comercial, retornando para casa à noite, dormindo após o jantar, é pior do que a vida de um escravo de galé; apenas suas correntes são de ouro ao invés de ferro”

Oscar Wilde, Abril, 1882.

Muitas vezes pequenas sentenças despertam grande interesse e curiosidade intelectual nas pessoas, que procuram, de imediato, respostas a indagações ou a interpretação do real significado das palavras. Objetivo maior desta crônica é chamar a atenção dos leitores para uma frase e algumas indagações e respostas, que são pessoais, postas no final deste texto, para meditação. É um exercício, do mesmo modo como as que chamaram minha atenção ao longo da vida, levando-me, em muitas ocasiões, à reflexão. Aqui, tomo a liberdade para lembrar algumas. Por exemplo, nunca esquecerei das dúvidas que afluíram à mente quando, ainda muito jovem adolescente, à época católico praticante, procurei entender o significado da frase dita por Cristo, o maior personagem de todas as Histórias, quando na Cruz, no auge do seu sofrimento físico, já perdendo o controle sobre a agonia do seu corpo, levantou a vista aos céus, em esforço supremo, e perguntou “*Pai, por que me abandonastes?*” O que existiria por trás daquelas palavras? Fui às teologias, aos pesquisadores da Bíblia, como o grande amigo Nathan Thomas Powell, meu orientador de Ph.D, participante ativo do “Sunday School” em Raleigh, North Carolina e, sobretudo, nos tratados de Huberto Rohden, grande filósofo brasileiro e talvez maior nome teólogo do Brasil. Hoje tenho minhas respostas, que são particularmente minhas, porque não se trata de uma frase dogmática e sim interpretativa. Ao falar em Huberto Rhoden, lembrei-me de Mahatma Gandhi quando, num dos seus contos, afirmou, “*Se se perdessem todos os livros sacros da humanidade e só se salvasse o Sermão da Montanha nada estaria perdido*”. Huberto Rhoden é autor de um dos melhores ensaios sobre o tema, com traduções para dezenas de línguas e 16 edições. O que teria de especial no discurso do sábio da Galiléia, há mais de 2000 anos, nas frias colinas de Kurun Hattin?, Capítulos 5, 6 e 7 do Evangelho, segundo Matheus, e, para muitos, o coração de toda a doutrina do Cristianismo. Só a leitura detalhada, fácil e enriquecedora de tal obra trará as interpretações a cada um. O leitor encontrará, por exemplo, como verdade, que o Cristo não desprezava os ricos, mas estabelecia diferença entre possuir bens e ser possuído por eles e a interpretação do “*Bem aventurado os pobres pelo espírito*” foi muitas vezes mal entendido por aqueles que achavam, e ainda acham, ter o grande mago da espiritualidade bemaventurado os “pobres de espírito”. Esses eram, sem dúvida, os únicos de quem Cristo não se compadecia e que até hoje são tão freqüentes em nossas vidas e nos causam tanto mal!

Cresci numa casa com livros e tive amigos e amigas amantes de uma boa leitura. Entre amigos, conheci cedo Jorge Eduardo Wanderley, filósofo e poeta que exerceu grande influência no meu pensamento filosófico. Aliás, Jorge Wanderley, intelectual,

ao fim da vida professor Titular da PUC, Rio de Janeiro, era primo legítimo do Engenheiro Agrônomo Luiz Jorge da Gama Wanderley, pesquisador do IPA, nosso companheiro de Academia, e, como sabido por todos, autoridade nacional em hortaliças. Convivi com essas duas personalidades distintas, ligadas a mim por laços familiares. Eram amigos e tiveram em comum sucesso profissional e uma morte precoce por ataques do coração. Luiz Jorge foi companheiro de agronomia e Academia, Jorge Wanderley companheiro de caminhada em direção ao Sol. Um dia, no passado distante, fui presenteado por Jorge Wanderley com o livro “De Profundis” incentivando-me à leitura do mundialmente reconhecido, brilhante e controverso Oscar Fingal O’Flahertie Willis Wilde, ou simplesmente Oscar Wilde, dramaturgo e romancista inglês que marcou profundamente a cultura ocidental no final do século XIX. Seus livros e peças para teatro são sucessos até hoje. Li tudo que pude, mas reconheço que foi muito pouco. Entretanto, em meio a tantas maravilhas escritas e pensamentos próprios, Oscar Wilde ficou famoso também por suas frases irônicas: “... o melhor que podemos dizer da arte criativa moderna é que é um pouco menos vulgar do que a realidade...” sua frase que mais me despertou atenção foi escrita quando da solidão do cárcere ao que foi condenado por longo período: “*pior do que a crucificação de um inocente é a crucificação de um culpado, pois, o que é que nos sabemos acerca de culpa?*”. Esta frase, que traz uma história de vida por traz de uma pessoa inteligente, nos leva a refletir que os princípios comportamentais da Sociedade não deveriam ser imutáveis. Com efeito, todos os fatos são dignos de interpretações pessoais e o que é considerado errado para uns pode não sê-lo para outros. É cruel o uso de axiomas para o comportamento humano pois as vítimas tornam-se muitas. Todos nós sabemos que em algum dia das nossas vidas fomos considerados culpados por algo que no nosso íntimo achávamos não ser representativo de culpa. Isso é particularmente comum quando estão em conflito, por exemplo, uma mente preconceituosa de um pai conservador diante de uma criança descortinando a vida e seu corpo. Se nós vivêssemos na severa Era Vitoriana, repleta de preconceitos, como Oscar Wilde viveu e foi condenado a uma fria e suja cela de prisão, por ter sido julgado e considerado “culpado” pelos conceitos de terceiros, os “senhores da verdade”, por certo, muito de nós, por muitos motivos, teríamos nossas “baladas do cárcere”.

Por falar em ponto de vista conceitual, na última reunião da APCA, tive a alegria de assistir a enriquecedora palestra do Companheiro Carlos Alberto Tavares, como sempre brilhante. Foi mostrada pelo mencionado conferencista sua experiência de campo com o pequeno agricultor no Brasil e Estados Unidos e seu profundo

conhecimento teórico sobre o Ensino Agrícola na Escola Rural. No fim da palestra, afirmou o competente especialista, diante de uma platéia tomada por suas palavras, que nosso pequeno agricultor precisa, além do que havia sido discorrido, contabilizar suas atividades. Ter seu caderno de despesas e receitas, o famoso “caderno de contas”. No íntimo, em silêncio, concordei plenamente, e fiquei a imaginar: sei que a agricultura é uma atividade comercial como outra qualquer onde o objetivo é o lucro do qual o agricultor depende para alimentação, saúde, educação da sua família e investimento na próxima safra. Para cada ano agrícola e nova safra, o agricultor limpa o campo, adquire sementes, faz em média três limpas, compra matéria orgânica, adubo mineral, agrotóxicos para doenças, pragas e ervas daninhas, tem gastos com a colheita, transporte, paga impostos exagerados, principalmente o de circulação de mercadorias (ICM) e no fim entrega por preço aviltante sua produção a um intermediário. Nesse momento, caso seja um pequeno empresário ou tenha “seu caderno”, emprega uma equação simples, com uma incógnita função de duas variáveis: $LUCRO (L) = RECEITA (R) - DESPESAS (D)$, onde R deve ser bem maior do que D, para que L seja significativo. Tudo muito simples. Ao meu lado, ouvindo atentamente a brilhante palestra, meu amigo de infância e experiente agrônomo, Mário de Andrade Lira, pelo qual tenho grande respeito e admiração, com seu cenho franzido, abaixo dos seus cabelos brancos de sabedoria, disse-me com sua característica voz mansa e grave uma frase que não me deixou dormir: “...Romero, nos dias de hoje, é melhor que o pequeno agricultor nordestino não tenha contabilidade, pois, só assim, ele continuará agricultor...”. Na sua simples afirmação, mas de profundo significado, o meu amigo havia me dito: “...Romero, o pequeno agricultor não tem financiamento com juros compatíveis, sementes de qualidade, assistência técnica, política de preço mínimo, paga impostos exagerados não compete no comércio e por isso seu lucro em média é irrisório. Ele não tem consciência disso e, portanto, vai vivendo...”. Concluí, em seguida, por meio de minhas meias verdades sabidas, que, realmente, a pequena agricultura, que produz a maior parte dos alimentos da população do Brasil, é atividade de alto risco, com lucros médios pequenos, construída com o suor deles de cada dia, desassistida pelos governos e que, quando tudo dá certo para todos, a safra é tida como boa, porém tem-se super produção, e o agricultor prejuízo, pois a política financeira da pequena agricultura ainda se fundamenta na famosa lei da oferta e procura. Se a oferta for maior do que a procura, os preços caem, o prejuízo é iminente e muitas vezes o agricultor é obrigado a deixar sua produção e investimento apodrecerem no campo. Petrolina tem uma história quase secular com a cultura da

cebola regida por esses fatores. A frase do meu amigo Mário disse-me ainda o que pude concluir de pior. Em seu significado estava implícito: "...ao desconhecer isso tudo, subentende-se que o pequeno agricultor não tem consciência de que é um ser social, igual a nós todos, com as mesmas necessidades existenciais...". Eles não reagem às adversidades e aceitam tudo pacificamente. Não tem consciência da sua própria existência. Quando insultados em seus princípios de posse, são levados por falsos líderes a condição de invasores de terra e lutam, mas não reagem à sua infeliz condição de vida. O pequeno agricultor vive em meio aos horrores dos seus sofrimentos diários e dos seus entes queridos, únicos a afagar-lhe vida, sempre acreditando que a natureza é assim mesmo, fundamentando-se no "*seja feita a Vossa vontade*". Ele tem fome permanente e nunca sonhos, pois não antevê nenhum futuro. Ele não tem consciência de que vive; sabe apenas que está vivo. Em sua concepção, a vida é um permanente despertar, sofrer diário, anoitecer e esperar; até que a morte o leve numa rede para debaixo da terra; é a "Vida e Morte Severina", como retratou nosso maior poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto. Ele não se sente só, pois sabe que todos os seus amigos terão seu mesmo destino. Essa falta de consciência existencial, na minha opinião, é o parâmetro mais adequado, mesmo que terrível, para se aferir o subdesenvolvimento de uma nação. O Brasil continua subdesenvolvido não é porque a EMBRAER não domina a tecnologia para turbinas de aviões nem os militares a de foguetes para lançamento de satélites, ou porque a indústria não possui patente de um motor para tratores, entre outras carências, e sim, porque possui uma significativa porcentagem da população que não tem consciência da sua própria existência. Enquanto houver uma parcela da população, por menor que seja, nessa condição de vida, seremos sempre Terceiro Mundo, subdesenvolvidos, independentemente do avanço tecnológico e bem-estar social das classes mais abastardas. Aliás, não consigo acreditar em desenvolvimento, justiça social e na paz das mentes dos mais afortunados, à luz de tal situação. Seguindo o destino a que foi condenado, o pequeno agricultor segue dia-a-dia, pacientemente no seu penar pelo penar, doer pelo doer, em trágica sina. Ao encerrar, deixo perguntas e respostas para reflexão, retiradas de uma frase que ouvi quando criança, lançada aos céus deste Brasil imenso pela voz do Pernambucano do Século, o querido Luiz Gonzaga que cantou em parceria com seus versos a dor do nordestino: "*Quando eu vi a terra ardendo qual fogueira de São João, eu perguntei ao meu Deus do Céu por que tamanha judiação?*". Será que Deus é capaz de fazer judiação com nosso pequeno agricultor? Não, nunca, todo mestre valoriza sua obra. Nós é que estamos comendo o alimento nosso de

cada dia sem a consciência do sofrimento que há por trás da sua produção, silenciosos e nada fazendo. Será que a consciência burguesa predominante na nossa sociedade tão capitalista admite que Deus na sua Santa Bondade e Sabedoria criou senhores poderosos e empregados serviçais, escravos, sem direito a uma consciência? Não, seria demais, acho que muito poucos ainda pensam desta maneira. Afirmo que foram nossos políticos e políticas governamentais que estratificaram nossa sociedade, isso, sim, tornando os pobres cada vez mais pobres e submissos e os ricos cada vez mais ricos e poderosos. Mas todos nós já ouvimos este comentário milhares de vezes e por que nada acontece? Será que estamos insensíveis ao próximo, “fidalgos de Boa Viagem”, de costas para o interior, vítimas de sentimentos aristocráticos, ao modo da Era Vitoriana? Lembro que foi dito naquela época, pela mesma mente iluminada, o que ocorre com as pessoas na aristocracia:

“Existe sempre mais metais do que cérebros nas cabeças de uma sociedade aristocrata”

Oscar Wilde, Março, 1883.

Será que existem culpados para serem combatidos? Muitos dos reconhecidamente culpados por parte da população continuam sendo eleitos a cargos públicos com os votos dos que não os enxergam como tal e dos que são induzidos. Portanto, o voto que seria nossa grande arma, até o momento, não tem sido efetivo. Para felicidade, temos a Lei e para criá-las, pensem, reflitam e assumam a causa e tornem-se lideranças. Façam com que a nossa valorosa classe agrônômica se empenhe cada vez mais em busca de soluções para que esta não seja a realidade definitiva das gerações futuras dos nossos pequenos agricultores. Lutem para que eles possam sorrir além dos dias de maracatu-rural e que possam olhar o horizonte com a esperança de romeiro. Coloquem em seus ideais que o pequeno agricultor, que nos fornece diariamente o feijão, arroz, farinha e outros, ou corta cana do não misericordioso Senhor Patrão, possa um dia existir no mundo real, e que o nascimento de um seu novo filho, seja o surgimento de um novo cidadão brasileiro, com direitos e deveres, coração e mente, esperança e futuro. Meu caro Carlos Alberto, sua palestra foi enriquecedora; fez-me ficar mais informado e as dúvidas de Mário levaram-me à reflexão. Obrigado a ambos.